

Diário da Serra

O DIA-A-DIA DA NOTÍCIA

JORNAL DIÁRIO DA SERRA
Propriedade da **AJOTA**
ASSOCIAÇÃO JORNALÍSTICA DE TANGARÁ DA SERRA
CNPJ: 29.464.235/0001-16
ISSN 22386467

REDAÇÃO
DIREÇÃO DE JORNALISMO
Fabiola Tormes (DRT-MT 1302)

CONTATO
ds@diariodaserra.com.br

Envie Pautas, Fotos Sugestões e Vídeos
para o **whatsapp** do **DIÁRIO DA SERRA**
(65) 3326-4724 

www.diariodaserra.com.br
www.ds.jor.br



DEPARTAMENTO COMERCIAL
PUBLICIDADE ASSINATURA
PUBLICIDADE LEGAL
Associação Jornalística de Tangará da Serra - AJOTA
SERVIÇOS GRÁFICOS
E. Tormes e Cia. LTDA
CNPJ: 14.048.123/0001-07
CONTATO: adm@diariodaserra.com.br
Fone: (65) 3326-4724

ENDEREÇO: Av. Tancredo Neves - 1247 W - Parque
Mansões - 78302-028 Tangará da Serra-MT
Fundado em 11 de novembro de 1996
Edição online desde 06 de setembro de 1997

TIRAGEM:1 MIL EXEMPLARES
CIRCULAÇÃO: Tangará da Serra, Nova Olímpia, Barra do Bugres, Porto Estrela, Campo Novo do Parecis, Sapezal, Denise, Arenápolis, Nortelândia e Santo Afonso.

CENTRAL DO ASSINANTE:   /jornalds
(65) 3326-4724 

CURTAS//

AUDIÊNCIA PÚBLICA

A Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria de Planejamento Urbano e Inovação, realiza nesta sexta-feira, 25, das 19h às 21h, no auditório do Centro Cultural, a Audiência Pública para apresentar à população o andamento dos trabalhos de Regularização Fundiária Urbana (REURB) em Tangará da Serra.

REGULARIZAÇÃO

A realização da audiência é para mostrar de forma clara e transparente para toda a população, quais núcleos já possuem procedimentos em andamento, em que etapa os trabalhos se encontram e quais são as próximas providências necessárias para o avanço de cada processo de regularização fundiária urbana.

PROCESSO

Os moradores serão orientados sobre o início do cadastramento, os locais de atendimento, a documentação necessária e os próximos passos da REURB no município. Dessa forma, é importante que a população desses núcleos em andamento compareça a audiência para encerrar este processo e realizar a entrega dos títulos.

ARTIGO//

Quando a universidade escuta

Ela não estava apresentando o trabalho. Estava ali, assistindo atentamente, sem conseguir controlar as lágrimas que teimavam em cair.

A cena aconteceu enquanto uma acadêmica de enfermagem apresentava sua pesquisa sobre a doença falciforme e o racismo ainda presente na forma como a doença é compreendida e tratada, durante uma Mostra de Pesquisa, Ensino e Extensão universitária.

Ao término da apresentação, enquanto enxugava as lágrimas, a mãe e professora explicou o motivo de sua emoção. Falou da própria filha, uma menina negra que, segundo seu relato, convive diariamente com preconceitos, julgamentos e situações que insistem em lembrá-la de que a cor da pele ainda influencia a forma como é vista por parte da sociedade.

Pouco antes, eu havia assistido a outra apresentação. O tema era educação, democracia e questões étnico-raciais. O trabalho abordava como ainda é limitada a produção que relaciona a educação à sua responsabilidade na construção da democracia para pessoas negras e pardas.

Duas pesquisas distintas, conduzidas por caminhos diferentes, mas atravessadas por uma mesma questão: a experiência da população negra no Brasil.

Naquele instante, percebi que a cena diante de mim talvez representasse uma das funções mais nobres da universidade. Não apenas ensinar, pesquisar ou produzir conhecimento, mas

escutar.

A emoção daquela mãe transformou uma apresentação científica em algo maior. De um lado, estavam os dados, os conceitos e as evidências produzidas pela pesquisa. Do outro, uma história de vida marcada por experiências concretas de discriminação. Entre os dois, a universidade cumprindo seu papel de criar pontes entre o conhecimento e a realidade.

Em tempos em que as universidades são frequentemente cobradas por sua utilidade prática e pela capacidade de desenvolver tecnologias, talvez valha lembrar que sua função não se limita à formação de profissionais ou à produção de inovação. A universidade também é espaço de debate público, construção da cidadania e, sobretudo, elaboração das perguntas que a sociedade ainda reluta em enfrentar.

Quando pesquisadores investigam racismo, saúde da população negra, relações étnico-raciais ou doenças como a falciforme, não estão tratando de temas restritos a um grupo específico. Estão discutindo a própria sociedade brasileira.

Talvez uma das maiores armadilhas seja continuar tratando essas pautas como assuntos de “minorias”. A população negra não é minoria no Brasil. Ao contrário, representa a maior parcela da população do país. Quando utilizamos essa expressão, não estamos falando de números, mas de relações históricas de poder, de acesso desigual a direitos e de espaços que ainda permanecem fechados para muitos.

A pesquisadora que apresentou o trabalho sobre educação e questões étnico-raciais relatou ser a única aluna parda do mestrado. Sua pesquisa reforçava essa realidade ao mostrar

“A FABULOSA MÁQUINA DO TEMPO” GANHA EXIBIÇÃO EM CINECLUBE DE TANGARÁ



FOTO: DIVULGAÇÃO

do Tempo” teve sua estreia mundial no Festival de Berlim, como filme de abertura da mostra Generation Kplus, e posteriormente passou por festivais como o É Tudo Verdade, o Cine PE, a Mostra Ecofalante e o Festival Internacional de Cinema de Guadalajara, onde recebeu o prêmio de Melhor Feito Técnico-Artístico na Competição Ibero-americana de Documentários.

O Cineclube Alto da Serra (CICAS) é um projeto dedicado à democratização do acesso ao cinema e à promoção da cultura audiovisual. A iniciativa é financiada com recursos da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura.

Foco de Raiva

O Indea confirmou seis casos de raiva, em um cavalo e cinco bovinos, em duas propriedades rurais nos municípios de Dom Aquino e Rondonópolis, respectivamente. Após a confirmação do foco, foram adotadas e concluídas todas as medidas de controle da doença, incluindo a vacinação obrigatória contra a raiva dos animais localizados em um raio de seis quilômetros ao redor das propriedades onde foram identificados os casos.

que os espaços de educação estão longe de refletir as condições existentes. A presença de estudantes negros e pardos tem tensionado historicamente uma educação sustentada por valores eurocêntricos.

Cada pesquisa apresentada, cada projeto de extensão realizado e cada discussão promovida dentro das universidades possui um significado que ultrapassa os limites da formação acadêmica. São oportunidades de tornar visíveis histórias que por muito tempo foram silenciadas e transformar experiências individuais em reflexão coletiva.

A fala daquela mãe foi um lembrete poderoso disso. O racismo não é uma abstração teórica. Não existe apenas nos livros, nos artigos científicos ou nos indicadores. Ele aparece nos olhares, nos estigmas, nas oportunidades negadas e nas barreiras que atravessam a vida cotidiana de milhões de pessoas negras e pardas.

Talvez seja justamente por isso que as universidades tenham um papel essencial na formação e na transformação desta realidade cruel e persistente. Não porque se trate de um tema extraordinário, mas porque ele ainda faz parte da realidade do nosso país.

A maior riqueza da universidade talvez não esteja apenas nas pesquisas apresentadas. Está também na capacidade de fazer com que uma mãe se sinta vista, ouvida e representada.

DANIELA TAFNER - Doutora em enfermagem, professora universitária e especialista em saúde da população negra

